



Iconografia e Mitologia nas Moedas Romanas Iconography and Mythology in Roman Coins

Cláudio Umpierre Carlan¹

Resumo: Nos dias atuais, dificilmente podemos ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Mas durante a Antiguidade ela unificava todo um território, que estava submetido a um mesmo poder político. O metal, e suas imagens de reverso e verso, ultrapassavam os limites geográficos do poder que o emitia, definindo ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que esse pertencia.

Palavras-chaves: Moeda; Roma; Iconografia; Mito

Abstract: Communication between distant people. But during the Antiquity she was unifying the whole territory, which was subjected to the same political power. The metal, and his images of reverse and reverse, they were exceeding the geographical limits of the power that was giving out it, defining ideologically not only a people, but also the civilization what that one was belonging.

Key-word: Coin; Rome; Iconography; Mith

Introdução

Em muitos momentos ao longo da História as representações artísticas foram consideradas elementos imprescindíveis para detonar respeito e acatamento para autoridade construída, seja de caráter religioso, político, militar, ou de qualquer outra índole.

Um setor muito importante das necessidades humanas, satisfeitas mediante as diferentes artes decorativas, corresponde às que se orientam para expressão de uma hierarquia ou a satisfação dos sinais externos do cerimonial prescrito numa determinada circunstância.

As autoridades estabelecidas, adotariam uma simbologia externa para sublinhá-las e com esse fim aplicariam os materiais de que dispunham. Isso

¹ Doutor em História Cultural (Antiga) pela Unicamp; Professor Adjunto de História Antiga da Universidade Federal de Alfenas – MG, pesquisador associado ao grupo Arqueologia História da Unicamp. Grupo de Pesquisa: Península Ibérica: da Antiguidade Tardia a Reconquista. Unifal - MG

deve ter-se manifestado em todas as ordens do poder, que se em nossos dias estão perfeitamente diferenciados, na Antiguidade estaria reunido numa única pessoa, que seria ao mesmo tempo chefe militar, religioso e legislador. Essa pessoa para distinguir-se dos outros, adotaria algum elemento diferencial que não demoraria em converter-se em símbolo daquele momento.

Esses símbolos externos foram usados para diferenciar monarcas, sacerdotes ou outros signatários. Uma simples faixa de tecido ao redor da cabeça era o emblema que distinguia os generais de Alexandre Magno que, após a sua morte, repartiram os seus extensos dominós, governando-os (CARLAN: 2011, 151).

Segundo a tradição, Alexandre foi o primeiro monarca a cunhar moedas com o seu busto, assemelhado ao deus Apolo. As cunhagens de prata representam o jovem rei olhando para o céu, como deus-sol. Séculos mais tarde, em 315, Constantino também discípulo do *culto ao sol*, cunhará moedas com imagens semelhantes, principalmente em bronze, onde o contato com a massa populacional do Império Romano seria maior.

Moeda, Poder e Legitimação

A presença da moeda além de oferecer um bem estar econômico, mostra também os seus aspectos icônicos. Analisando os anversos e reversos monetários como imagens fabricadas, elas imitam aquilo a que se referem. Qualquer signo, mesmo o iconográfico gravado segundo processos físicos ou naturais é construído segundo regras determinadas que implicam convenções sociais. Ela circula de fato nos três níveis, sendo simultaneamente ícone, índice e símbolo convencional. Os povos que habitavam o vasto império romano tinham conhecimento de que o busto representado naquela diminuta peça de bronze, prata ou ouro era do seu governante.

As cunhagens monetárias de diferentes governantes reforçam este discurso. Identificadas como *encouraçado*, ou seja, os imperadores são representados com armadura, trajes militares, tanto no anverso (busto) quanto no reverso. Diocleciano, que governou o Império Romano entre 295-305, por exemplo, utilizará em suas peças, principalmente nos *follis*, estes *ícones*.

No anverso vem o busto e o peitoral conhecido por *faleras*. No reverso o tetrarca recebe o cetro de Júpiter, encimado pela Vitória. Tais representações podem ser identificadas nos *aes* (JUNGE, 1994, 15.) primeira forma de moeda em Roma, cunhada durante a República (século IV-III a. C.), para servir de base de trocas, compras ou vendas, e para pagamento dos legionários. Eram peças de bronze, de diâmetro e peso mínimo devido a grande circulação. Todos os *augustos*, *césares* e pretendentes, usurpadores, usaram em suas amoedações tais vestimentas.

Como podemos analisar na representação abaixo:



Foto: Cláudio Umpierre Carlan, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, maio de 2005.

1 - Denominação: Dupôndio

Ano / Local: cunhada entre os anos de 304-305, em Alexandria.

Anverso: IMP C DIOCLETIANVS PF AVG

Reverso: IOVICO – N S CAES / ALE

Descrição:

Anverso: busto só, ou nu, de Diocleciano, diademado à direita, com barba, mal recortado no 1º e 4º quadrante; na legenda o nome e título imperial (IMP AVG). No reverso a divindade, Júpiter, em pé, nu, lábaro à esquerda, com o globo, símbolo do poder e da perfeição, na mão direita. Sobre o globo uma vitória, com uma coroa de louros, prestes a coroar a divindade. Durante boa

parte do período da Tetrarquia, Diocleciano é considerado um *iuno*, filho de Júpiter. Enquanto seu amigo e colega, Maximiano, era um *hercúleo*, filho de Hércules. Como se as divindades protetoras do panteon romano protegesse e legitimasse o novo governo. Identificamos ainda a letra S, comum nas cunhagens da Tetrarquia, e o exergo referente a cidade de Alexandria (ALE). Na imagem da divindade existe uma camada de azinhavre, por causa da corrosão.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2,76 mm; peso de 9,56 g; alto reverso ou eixo 12 horas.

O Dupôndio, moeda de bronze cunhada desde o período republicano em Roma (509 – 27 a.C). Durante a reforma de Diocleciano (285-305), voltou a ter importância, passando a ser utilizada como base da economia imperial.

A presença de Júpiter, representa o retorno aos deuses fundadores e protetores da cidade. O império estava passando por uma crise, as divindades deveriam intervir a favor das autoridades imperiais. Por não aceitar cultuar o panteão romano, Diocleciano e Galério, através do decreto de 301, estabelecem a última perseguição aos cristãos (LACTÂNCIO: 27, 1954).

Existem 3 variantes desta peça na coleção, cunhadas em casas monetárias diferentes.

Nesse sentido, ocorre uma relação *emissor/receptor*, nitidamente identificada nas cunhagens realizadas durante o início do século IV. Diocleciano, Galério, Constâncio Cloro, Maximiano, Severo Augusto, Maximino Daia cunharam moedas com tipos semelhantes: GENIO AVGVSTI, GENIO POPVLI ROMANI, VIRTVTI EXERCITVS, CONCORDIA MILITVM, SAC MON VRB AVGG ET CAESS NN, VOT XX E; entre outras. Defendiam a salvação do império num retorno ao passado e as suas divindades, impondo tal ideologia através de um veículo propagandista, no qual toda a população teria contato: a própria moeda.

Donis Dondis afirma que, para os analfabetos, a linguagem falada, a imagem e o símbolo continuam sendo os principais meios de comunicação. E dentre eles apenas o visual pode ser mantido em qualquer circunstância

prática.

“(...)isso é tão verdadeiro como tem sido ao longo da história. Na Idade Média e no Renascimento, o artista servia à Igreja como propagandista...O comunicador visual tem servido ao imperador e ao comissário do povo...a comunicação pictórica dirigida aos grupos de baixo índice de alfabetização, se pretende ser eficaz, deve ser simples e realista(...)” (DONDIS: 1997, 184).

Os símbolos que habitam a numismática estão dotados sempre de uma clara organização hieroglífica, pois procedem do fato de que essas imagens difundidas se articulam sempre com o idioma figurado, no qual o poder se expressa secularmente. Trata-se, segundo de la Flor, do surgimento de representações de águias, leões, como também de torres, cruzes, da fênix, de imperadores ou de personagens pertencentes a uma elite político-econômica, que representam a órbita de ação do poder, chegando ao ponto em que a numismática pode ser definida “como um monumento oficial a serviço do Estado” (FLOR: 1995, 183).

Lembramos ainda que, como afirma Cassirer, “...em lugar de definir o homem como um animal *rationale*, deveríamos defini-lo como um animal *symbolicum*” (CASSIRER: 1997, 70).

Chartier destaca a importância da interpretação dessa simbologia, chamada por ele de “sígnos do poder”.

“Daí a necessidade de constituir séries homogêneas desses *signos do poder*: sejam as insígnias que distinguem o soberano dos outros homens (coroas, ceptros, vestes, selos, etc.), os *monumentos* que, ao identificarem o rei, identificam também o Estado, até mesmo a nação (as moedas, as armas, as cores), ou os programas que têm por objetivo representar simbolicamente o poder do Estado, como os emblemas, as medalhas, os programas arquitetônicos, os grandes

ciclos de pintura...” (CHARTIER: 1990, 220).

O homem desenvolve diversas formas simbólicas, tanto artística quanto linguística, expressa pela sua consciência. Com isto podemos afirmar que os símbolos políticos são definidos como símbolos que funcionam até um ponto significativo na prática do poder.

Estas práticas do poder- e seus simbolismos- atuam, de uma maneira direta ou não, através de questões ideológicas. E, em toda uma sociedade, através das ideias da classe dominante, predominam, oralmente ou escrita.

Cardoso diz que “...é de especial interesse e bem esclarecedor o estudo dos mecanismos que asseguram e reproduzem a hegemonia ideológica...” (CARDOSO: 1979, 397). Segundo Funari:

“...Não se trata, assim, de acreditar no que diz o documento, mas de buscar o que está por trás do que lemos, de perceber quais as intenções e os interesses que explicam a opinião emitida pelo autor, esse nosso foco de atenção. (FUNARI: 1993, 11)”

O poder seria algo mais difuso. Ele funciona e se exerce em rede. Nunca está localizado aqui ou ali, nem está só nas mãos de alguns. Os indivíduos não são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre pontos de transmissão, reorientação ou reforço dele. Para se entender o poder, é preciso buscar perceber as táticas e técnicas de dominação no detalhe da vida social e procurar compreender como os diversificados mecanismos de poder são utilizados, transformados e ampliados pelas formas mais gerais de dominação. O poder, para se exercer, precisa produzir, organizar e colocar em circulação saberes que o tornem legítimo.



Foto: Cláudio Umpierre Carlan, Veneza, Praça de São Marcos, agosto de 2007.

Representação dos tetrarcas, na praça de São Marcos, Veneza, Itália. Escultura feita em pórfiro, saqueada de um palácio bizantino (atual Istambul, Turquia) por mercadores venezianos, em 1204. Durante muito tempo acreditava-se tratar de cavaleiros medievais.



Foto: Cláudio Umpierre Carlan, Acervo Numismático do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, dezembro de 2006.

1 - Denominação: Argentus

Ano / Local: cunhada entre os anos de 294 -295, em Alexandria.

Anverso: MAXIMIANVS NOB CAESS

Reverso: SEM LEGENDAS

Descrição:

Anverso: busto só, ou nu, de Maximiano, amigo e companheiro de

armas de Diocleciano. Um dos membros da Tetrarquia, junto com Galério e Constâncio Cloro (pai de Constantino). Busto diademado à direita, com barba, apresentando Maximiano como membro da família imperial romana (nobilíssimo). Identificamos na representação da Praça de São Marcos (tetrarcas abraçados), os governantes precisavam passar a união existente entre eles, para seus governados.

No reverso a águia, voltada para o ocidente. A águia, rainha das aves, mensageira da mais alta divindade, fogo celeste. Só ela pode fixar o sol, se queimar os olhos. Símbolo de tamanha importância, que:

“...não existe nenhuma narrativa, ou imagem histórica ou mítica, tanto em nossa civilização, quanto em todas as outras, em que a águia não acompanhe, ou mesmo não represente, os maiores deuses e os maiores heróis: é o atributo de Zeus / Júpiter e do Cristo; é o emblema imperial de César e Napoleão...” (CHEVALIER, GHEERBRANT: 1997, 22-23).

A águia também personifica o imperialismo, a conquista. Desde Augusto, os imperadores romanos eram coroados Faraós do Egito. Por isso, a águia está voltada para o Ocidente, em direção a Roma. Na História Contemporânea, vimos sua representação associada aos partidos nazifascistas e ao imperialismo norte-americano (águia norte-americana).

No campo monetário de reverso, identificamos a estrela, que segundo Suetônio, Augusto viu aos céus no dia do assassinato de seu tio-avô, Júlio César, no Senado. Nesse caso, a estrela ou cometa, estaria legitimando Augusto como herdeiro e sucessor de César. Os sucessores de Otávio Augusto, começaram a cunhar em suas moedas esse símbolo.

Um dos objetivos da tetrarquia era o retorno aos aureus tempos do Principado romano, ou seja, ao governo de Augusto. Nesse sentido, a estrela representada, está realizando essa união simbólica entre os dois governos.

Observações:

Peça de prata, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 1,53 mm; peso de 2,41 g; alto reverso ou eixo 6 horas.

O Argentus era uma moeda de prata romana (*argenteus*, de prata, em latim), insituida durante a refomar monetária de Diocleciano.

Existem 2 variantes desta peça na coleção, ambas cunhadas em Alexandria, identificadas as letras gregas Γ e Δ.

Podemos verificar uma resistência tenaz das antigas formas de administração e de comunicação. Na própria Inglaterra do século XII, apesar dos progressos quanto ao domínio da leitura e da escrita, a palavra ouvida e o gesto visto permanecem a expressão essencial do poder de comando e justiça.

Considerações Finais

Jean-Nicolas Corvisier, em seu livro, *Sources et Méthodes en Histoire Ancienne*, também defende a importância da numismática, não apenas na História da Arte, porque muitos artesãos trabalhavam nas casas de cunhagem, como também no estudo da História Política, pois no reverso de cada peça vem representando um fato de crucial importância para o período estudado (CORVISIER: 1997, 153).

Nos dias atuais, dificilmente podemos ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Mas durante a Antiguidade ela unificava todo um território, que estava submetido a um mesmo poder político. O metal, e suas imagens de reverso e verso, ultrapassavam os limites geográficos do poder que o emitia, definindo ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que esse pertencia.

Devemos conhecer as ideias espirituais que refletem a obra de arte, a filosofia, a cultura, a sociedade daquele momento (FERNADÉS ARENAS: 1982, 101). Os períodos históricos são monólitos ideológicos, sendo um conjunto ideológico múltiplo. Os símbolos, e seus atributos, se unem com os emblemas da heráldica, com hieroglíficos, com os reversos monetários, não apenas para identificar uma imagem, mas para esclarecer o motivo dessa

imagem.

Agradecimentos

A Universidade do Grande ABC, em especial ao colega Flávio Botton, pela oportunidade de trocarmos ideias; a Pedro Paulo Funari, Margarida Maria de Carvalho, Ciro Flamarion Cardoso, Maria Beatriz Florenzano, André Leonardo Chevitarese, Vera Lúcia Tostes, Rejane Vieira, Eliane Rose Nery.

A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

Fontes Numismáticas

Moedas dos Imperadores Diocleciano e Maximiano. Acervo do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, Medalheiro 3, gaveta 19, lâmina 3, fotografadas em março de 2005.

Bibliografia

- CARLAN, Cláudio Umpierre. **Coins and Power in Rome: Political Ideology in The 4th century.** IN; DE LA FUENTE, David H. (Edited). *New Perspectives on Later Antiquity.* Cambridge: Scholars Publishing, 2011, pp. 150 – 157.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos.** 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. e PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. **Os Métodos da História.** 2a. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.
- CASSIRE, E. **Antropologia Filosófica.** Ensaio sobre o Homem. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CHARTIE, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CORVISIER, Jean Nicolas. **Sources et Méthodes en Histoire Ancienne.** Pr. editons. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual.** Tradução Jefferson Luiz

Camargo. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERNADÉS ARENAS, José. **Teoria y Metodologia de la Historia del Arte**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1984.

FLOR, Fernando R. de la. **Emblemas Lectures de la Imagen Simbólica**. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. CARLAN, Cláudio Umpierre. **Arqueologia Clássica e Numismática**. Coleção Textos Didáticos. N. 62. Campinas: IFCH / Unicam, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Roma: vida pública e vida privada**. 4^a ed. São Paulo: Atual, 1993.

JUNGE, Ewald. **The Seaby Coin Encyclopaedia**. Second impression with revisions. London: British Library, 1994.

LACTÂNCIO. **De Mortibus Persecutorum**. Paris: Ed. J. Moreau, 1954.

Recebido em: 31-mai Aprovado em: 30-jun
